

# Memória

Antonio Candido

Azis Mathias Simão e eu ficamos amigos no começo de 1939. Mais precisamente, na aula das 5 da tarde do professor Jean Maugüé, que também morreu em 1990, aos 86 anos. Maugüé era um mestre extraordinário, brilhante e inspirador, capaz de tornar atraente o pensamento filosófico mais abstruso, inclusive graças às correlações que sabia fazer com domínios diversos, estimulando a nossa reflexão a partir das fitas que víamos, dos romances que líamos, dos acontecimentos e idéias políticas da hora. Por isso vinham ao seu curso não apenas os regularmente inscritos, como eu, mas veteranos de turmas anteriores e ouvintes de várias espécies, entre os quais Azis. Duas vezes por semana lá estava ele na Faculdade de Filosofia, para ouvir conosco o curso sobre Teoria das Emoções, baseado nos textos de Freud e Max Scheler. Todos nós apreciávamos fascinados o trânsito constante de Maugüé entre as idéias e a sociedade, sob o estímulo de um marxismo bastante liberto, raro naquela altura. A influência que recebemos dele foi decisiva. Inclusive porque a sua abertura confirmou em muitos de nós uma vocação de crítica e ensaísmo que nos foi levando a deixar de lado filosofia e sociologia, para nos aninharmos na literatura e nas artes. Mas este não foi o caso de Azis.

\*

Azis (que os companheiros mais antigos chamavam Simão, e alguns, Mathias) me impressionou desde logo pela clareza mental e a fluência da expressão. Tudo o que abordava ia ficando interessante, e lembro a atenção com que o ouvi explicar, em nossa primeira conversa, certos pormenores da teoria atômica. (Na revista *Problemas*, de cujo grupo participou, publicara anos antes artigos sobre ciência, do ângulo marxista, ainda impregnado pela *Dialética da natureza*, de Engels.) Do átomo passou a outros assuntos e acabou explicando a importância da alimentação para a saúde dos dentes, com voz calorosa mas velada, envolto na mais atraente simpatia, pois o seu magnetismo era grande e atuava de imediato. Assim ficamos amigos à primeira vista, nos bares, em casa, nos grupos políticos, na universidade.

Quando nos conhecemos ele ainda enxergava mais ou menos com um dos olhos, mas piorou bastante no começo dos anos 40. Formado em Farmácia, freqüentava como ouvinte as aulas da nossa faculdade, para a qual prestou vestibular em seguida, com licença de escrever as provas a máquina. Aprovado, fez o curso com brilho e formou-se no ano de 1950, tornando-se imediatamente Auxiliar de Ensino da Cadeira de Sociologia II, a convite de Fernando de Azevedo, que tinha por ele a mais afetuosa admiração. Houve então uma luta difícil para a admissão ao quadro regular de um docente sem vista. Ele venceu, depois de conseguir que a medida não fosse pessoal, mas extensiva a qualquer um nas mesmas condições. Essa amostra de generosidade e altruísmo foi o seu primeiro ato inovador na universidade.

A partir de então a sua atividade política mudou de sinal, como veremos. Antes, desde a adolescência, ela tinha sido dedicada e intensa. Formado entre anarquistas e comunistas dissidentes, refugiou desde sempre o duro enquadramento do Partido Comunista e procurou preservar o que lhe parecia o bem maior, o requisito fundamental em política: liberdade de pensamento e respeito às opiniões divergentes. Por isso orientou-se para o socialismo democrático e se inscreveu em 1933 no então fundado Partido Socialista Brasileiro.

A ficha de crédito de ANTONIO CANDIDO se encontra na p. 27.

A sua fórmula ideológica era complexa, com doses de anarquismo, trotskismo e muita preocupação ética, sobre o pano de fundo do marxismo meio sumário freqüente no Brasil daquele tempo. O anti-stalinismo ferrenho o levou, como a muitos outros, a admitir soluções de tipo liberal, que ao menos assegurassem o debate das idéias e a livre organização, tanto sindical quanto partidária.

Além disso, no começo dos anos 30 esteve ligado aos movimentos de inconformismo e renovação na literatura, que vinham de antes e adquiriram então certo toque político. Jornalista e boêmio, viveu com alegria aquela era de conversa infundável nas mesas de mármore do cafezinho, da média ou do chope em todo o território do Centro, participou de organizações como o Clube dos Artistas Modernos (CAM), freqüentou Pagu e Oswald de Andrade, com os quais o seu fraternal amigo Miguel Macedo redigiu *O Homem do Povo*. Muitas vezes, à tarde, no fim do expediente do *São Paulo Jornal* (onde trabalhava sob a direção de Cândido Mota Filho), ele e os colegas de redação diziam, pegando o paletó: “Vamos dar uma prosa com o Seu Mário”, isto é, Mário de Andrade. E lá iam rumo ao *Diário Nacional*. Pela mesma altura ligou-se por atividades políticas e culturais ao sindicato dos gráficos, que foi sempre o seu contato maior no campo operário e onde militou ao lado do grande João da Costa Pimenta e outros, como Storti e Dalla Dea (João).

**Quando expuseram aqui o painel "Tiradentes", de Portinari, Lourival Gomes Machado passou uma tarde descrevendo-o para Azis. Palmo a palmo, cor por cor, desmontou verbalmente a composição, analisou a estrutura e os movimentos, comentou a concepção, esclarecendo à medida que Azis perguntava, cada vez mais senhor do painel (...)** Graças (a Lourival) Azis "viu" o painel de Portinari elaborando-o interiormente, e passou a comentá-lo com incrível segurança

Quando o conheci os partidos estavam proibidos desde o golpe de estado de 1937, de modo que só em 1945 ele retomou a atividade partidária na União Democrática Socialista (UDS), constituída por membros socialistas da clandestina Frente de Resistência, como Antonio Costa Correia, Paulo Emilio Salles Gomes (autor do manifesto e principal coordenador), Paulo Zingg, eu. A nós se juntaram muitos outros, de procedência variada, que também queriam definir um combativo socialismo independente. Assim, vieram alguns membros do Partido Socialista de 1933, como Azis e Jacinto Carvalho Leal; vieram antigos trotskistas, como Febus Gikovate e Fulvio Abramo; veio um grupo de militantes negros (como o jornalista Geraldo Campos de Oliveira), entre os quais uns poucos metalúrgicos, por exemplo o meu xará quase completo, Antonio Candido de Mello; e neófitos, como Edgard Carone.

Azis gostava de discutir tudo exaustivamente, estabelecer distinções, objetar, sugerir alternativas, sempre com o intuito de obter a posição mais consciente e eficaz.

Por isso Paulo Emilio disse um dia brincando: “O Azis é o divisionista típico”. Um de nós, completando a brincadeira, pôs nele o apelido de “general de divisão”, que o divertia muito.

A UDS foi um excelente rebolo, onde afiamos a nossa concepção de socialismo independente de base marxista, convictos de que no processo político transformador cabe posição-chave à classe operária, anti-stalinista sem ser trotskista (o primeiro grupo em São Paulo nestas condições), achando que democracia não é coisa “formal” e que no Brasil é preciso encontrar soluções adequadas, sem acatar palavras de ordem feitas para outros contextos. Mas a UDS não tinha condições de sobreviver. Por isso acabamos aderindo à bem menos radical Esquerda Democrática (ED), fundada no Rio em meados de 1945.

Na constituição da Esquerda Democrática em São Paulo Azis foi elemento decisivo,

lutando para introduzir os nossos pontos de vista ao lado de novos companheiros que se juntaram ao grupo e militaram ativamente com ele, como Arnaldo Pedroso d’Horta e Lourival Gomes Machado. Em 1947 a ED se transformou em Partido Socialista Brasileiro (PSB), recebendo os sobreviventes deste, que cederam o nome; de modo que Azis acabou voltando à origem, embora em organização bem diferente da antiga. Mas, como vimos, a partir de 1950 deixou praticamente a atividade partidária regular e se concentrou na universidade, onde exerceu o ânimo militante em vários sentidos, inclusive atuando na memorável greve de 1979, em seguida à qual presidiu a ADUSP num momento difícil de transição.

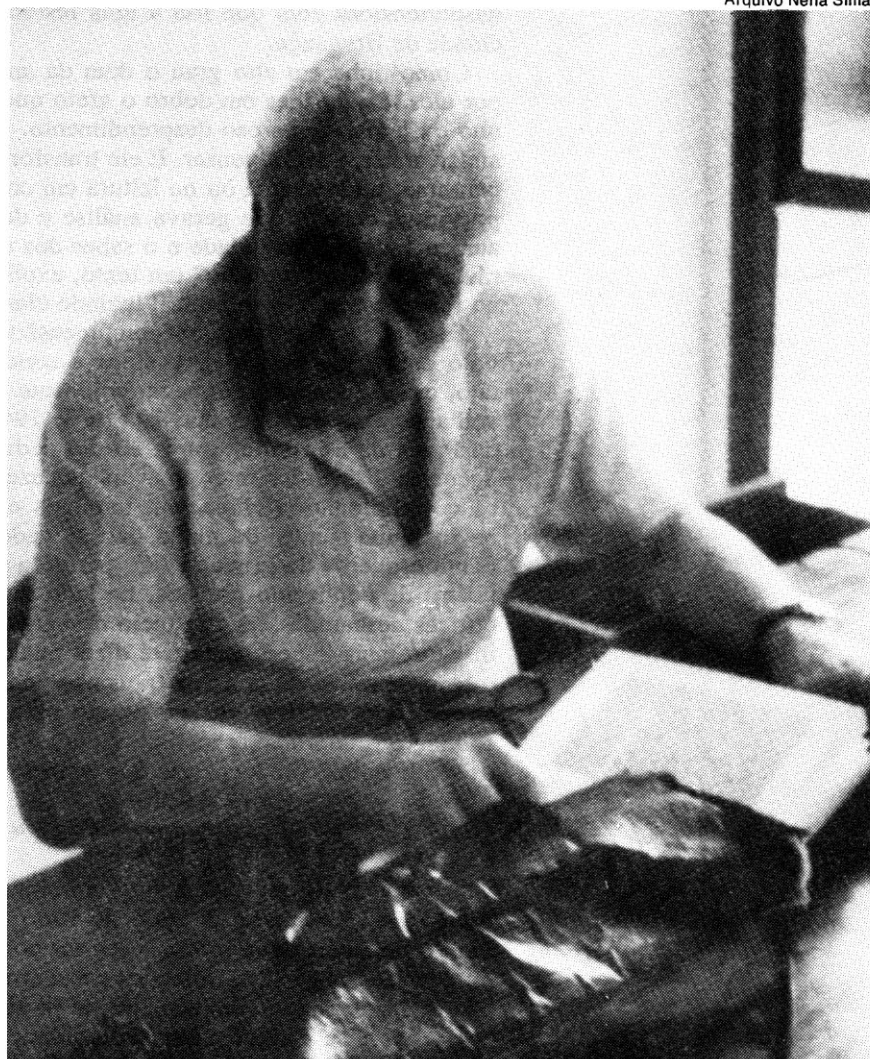
Mas eu diria que a sua principal militância universitária foi a constância com que manteve como tema de ensino e pesquisa os problemas do proletariado, inspirando jovens e organizações. O seu estudo pioneiro sobre o voto operário ficou justamente famoso, pelo rigor da investigação, a sábia utilização dos dados e a solidez da interpretação. Seu livro *Sindicato e Estado* é um clássico. Note-se que ao transitar do partido para a universidade ele continuou fiel às posições de base. No professor brilhante, no notável orientador e despertador de vocações permaneceu vivo o fermento de revolta.

Quem conhecesse Azis notava logo dois traços, um dos quais surpreendente: a cordialidade jovial e a exata percepção do mundo exterior. A perda da vista, parcial na altura dos 17 anos, praticamente total a partir dos 30, em vez de fechá-lo abriu-o para fora. Ele compensou a grave limitação desenvolvendo uma inesperada capacidade de absorver o que lhe ia em torno – pela intuição certa, pela reconstituição mental baseada na experiência anterior de vidente, pela imaginação da coisa e o apaixonado interesse por tudo. Os seus dedicados acompanhantes, sobretudo sua esposa, Nena, o iam informando de maneira minuciosa, e ele construía a visualização submetendo os dados ao seu revelador mental.

Quando expuseram aqui o painel *Tiradentes*, de Portinari, Lourival Gomes Machado passou uma tarde descrevendo-o com minúcia para Azis. Palmo a palmo, cor por cor, desmontou verbalmente a composição, analisou a estrutura e os movimentos, comentou a concepção, esclarecendo à medida que Azis perguntava, cada vez mais senhor do painel. Lourival, um dos homens mais inteligentes, sensíveis e generosos que conheci, tinha como ninguém a capacidade de “fazer ver” as obras de arte, que depois da sua análise pareciam entregar os segredos. Graças a ele Azis “viu” o painel de Portinari, elaborando-o interiormente, e passou a comentá-lo por conta própria com incrível segurança, inclusive criticando os que lhe pareceram certos “vazios” da composição.

O que possibilitava esse domínio da realidade talvez fosse o fervor com que se interessava pelas coisas, as pessoas, as idéias, e que lhe davam uma energia inquebrantável. O fervor era nele forma de conhecimento e modo de apreensão, graças ao qual assimilava tudo com uma intensidade que iluminava o entendimento. Essa força expansiva formava par com o dom de se concentrar a fundo e a mais elevada capacidade de reflexão, na qual mergulhava manobrando freqüentemente com as mãos uns palitos de fósforo, enquanto mofa com o cérebro os dados e conceitos. O seu raciocínio era concatenado, firme, muito preciso e descobridor, capaz de imaginar hipóteses depressa e a partir

Arquivo Nena Simão



Azis Simão

delas criar maneiras de compreender melhor. Qualquer questão que enfrentasse saía iluminada pela sua poderosa máquina de pensar, alimentada pela faculdade de extrair o máximo de uma informação forçosamente limitada para quem dependia dos textos em Braille e da leitura feita por terceiros. Mas não apenas sabia escolher o essencial, como tudo o que lhe caísse no conhecimento ficava armazenado para sempre nos refolhos de uma memória prodigiosa, como arsenal da meditação.

A isso é preciso ligar o seu equilíbrio mental e emocional. A sua mente era limpa e sadia; o seu modo de ser, tão natural que não comportava inibições nem os freios da timidez. Azis encarava o mundo e as pessoas com retidão, tranqüila ou indignada conforme o caso, mas invariável. Por isso estava sempre soberanamente à vontade, fosse onde fosse e com quem fosse. Penso que se um dia tivesse de jantar no palácio de Buckingham ele se comportaria com a mesma naturalidade espontânea, a mesma cortesia desprestenciosa com que iria a uma festinha de estudantes ou a uma quermesse na sua cidade de Bragança.

Como tinha em alto grau o dom da amizade e o amor pelos amigos, viveu cercado por eles, dando-lhes em dobro o afeto que recebia, com uma fraternidade cheia de carinho e do mais generoso desprendimento. Graças a isso, nunca faltou quem o ajudasse a andar, a ver, a ler, a pensar. E ele transformava essas relações em magistério, porque no percurso, na conversa ou na leitura em comum ele ensinava e esclarecia. Com ele o papo virava debate, que gerava análise e desaguava em sugestão; ele era sempre mestre, aumentando a humanidade e o saber dos que conviviam com ele. Um espetáculo admirável era vê-lo “traduzir” um texto, explicar os seus labirintos, compará-lo a outros e, no fim, mostrar a idéia central luzindo claramente.

Esse amigo que irradiava compreensão e solidariedade não era todavia um cordeiro. Pelo contrário. Apesar de preferir a conciliação e o entendimento, sempre com muito tato, era esquentado e tomava facilmente o pião na unha. Certa manhã de domingo, na velha sede do Partido Socialista (o de 1947), num primeiro andar apertado e encardido da Praça da Sé, durante uma sessão dedicada não lembro mais ao quê, travou-se uma daquelas discussões intermináveis que azedam as relações nos grupos políticos, fazendo os correligionários parecerem inimigos e pondo todos a dois dedos do pugilato. Não havia muita gente, de modo que as cadeiras estavam vazias em boa parte. Azis, na ponta esquerda da primeira fila, perto da mesa diretora, fez uma exposição. Um companheiro desconhecido por nós, no lado direito de uma das filas de trás, se pôs a fazer críticas descabidas em tom meio desagradável. Azis rebateu umas tantas vezes; o outro insistiu, mais impertinente, até dizer qualquer coisa pior. Azis virou-se aos brados para o lado de onde vinha a voz (pois não podia ver a pessoa) e, desafiando o malcriado, foi atropelando cadeiras vazias, pronto para lhe dar uns tapas. Mas foi contido a tempo, enquanto o imprudente metia a viola no saco. Assim era Azis, vivendo as convicções e os sentimentos com a energia dos temperamentos fortes.

■ ■ ■

Ali por 1946 ou 1947 houve um almoço para angariar fundos destinados ao jornal *Vanguarda Socialista*, dirigido no Rio por Mário Pedrosa. O lugar era uma cantina na rua do Seminário e a grande mesa foi posta ao ar livre, debaixo de uma latada. O método consistia em leiloar coleções encadernadas do jornal, sendo animadora Patrícia Galvão, a Pagu, nossa companheira de partido. Tendo ela aludido mais de um vez a Azis como “Simões”, alguém observou didaticamente que era “Simão”, mas Pagu respondeu com vivacidade: “Não senhor, é Simões mesmo, porque ele é plural!”

Fechemos com isto a evocação desse homem dotado de qualidades as mais diversas, arguto e simples, cheio de dedicação generosa e discreto estoicismo, divertido amador de piadas mas profundamente sério, compreensivo e deferente, embora inflexível na hora da luta, que tinha uma incrível lucidez política e a mentalidade mais abrangente e penetrante que se possa imaginar. Azis era dessas pessoas cuja morte despovoava demais o mundo.